

PLATÃO - ARISTÓTELES

“Deus nas tradições filosóficas” – J.A.Estrada

Platão defende uma metafísica de essências, aonde os conceitos gerais não são o resultado de indução nem da abstração do que captamos no mundo dos sentidos, mas são correlatos do mundo das idéias eternas, que servem de modelo para as coisas sensíveis e que a alma conhece desde sua preexistência.

Sua epistemologia continua e desenvolve o dualismo defendido por Parmênides entre verdade e opinião. O conhecimento do ser inteligível permite uma vida ordenada e uma hierarquia nos modos de conhecer, que permite fugir da confusão das opiniões opostas.

A distinção epistemológica entre mundo das aparências e mundo da verdade tem um preço: a introdução de uma dualidade ontológica no ser, criando um transmundo que serve de fundamento e origem da realidade empírica.

A devaluação do cosmos e do conhecimento sensorial é uma das conseqüências deste dualismo epistemológico e ontológico, assim como uma racionalização da essência do homem com uma avaliação negativa do corpo.

Por isto, Platão é o grande precursor do Idealismo, antecessor de Descartes, na primazia que dá ao conhecimento, com independência da experiência empírica. Descartes substitui a reminiscência pela idéias inatas.

O racionalismo platônico se expressa no PARALELISMO estrito entre o mundo das idéias e o cosmos.

Com Platão continua a intelectualização da religião, criticando os antropomorfismos personalistas da mitologia. As idéias divinas substituem as figuras pessoais do panteão grego. Por meio do logos deve aceder-se a Deus. Desta maneira Platão cria o conceito de “Teologia” (República II 379^a).

Nosso mundo não é a realidade verdadeira porque o sensível é mutável, não inteligível. A orientação para o divino (mundo das essências) é o que permite normalizar e ordenar a mudança e instabilidade do mundo sensível.

Incipiente tendência monoteísta (“o Bem”, “o demiurgo”, a “Alma do mundo”), mas sem terminar de romper com o politeísmo. No mundo das idéias, reina a idéia do Bem, que converge com o Belo, como síntese suprema do divino, da qual participam todas as idéias.

O conceito do ‘divino’ em Platão é muito amplo e ambíguo: abarca o mundo (Timeu 34 a-b), os corpos celestes (Timeu 39e; 40 a-b-d-e), as idéias (Fedon 80 a-b), as almas (Leis 726^a), e até os homens bons (República 383c). O conceito de Deus é mais um predicado (“o divino”) que um sujeito. Mas o grau de divindade corresponde estritamente ao grau de ser (quanto mais se é, mais divino). Daí que o princípio máximo das idéias – o Bem – é o mais divino. O grau de identificação entre o Bem e Deus continua sendo tema de debate entre os especialistas, mas em hipótese alguma pode ser identificado com o conceito de um Deus pessoal.

Para Platão, é o demiurgo quem configura o mundo, segundo o modelo arquetípico das idéias. Introduce a ordem e a proporção nas coisas, é o artesão dos seres viventes.

Para Filo e Plotino, as idéias são os pensamentos de Deus. Para os medievais, as idéias estão unidas à essência Divina.

Platão não conhecia a idéia de criação [do mundo], postula uma matéria eterna que é ordenada, configurada e planejada pelo demiurgo, segundo o modelo das idéias. Assim é que surge

o cosmos (Dualismo). A matéria está subordinada ao divino, que é quem origina o cosmos, ordenando-o. Estabelece-se assim uma ordem hierárquica. A “Alma do mundo”, que o demiurgo compõe como uma entidade misturada, é que serve como intermediário entre os dois mundos e que permite que a alma de cada um (que participa da Alma do mundo) passe do mundo sensível ao mundo das idéias.

Rejeita o ateísmo – no sentido de uma explicação da origem das coisas pelo acaso ou pela imanência da natureza. A ordem do universo é realizada pela intervenção da razão (nous) (Leis X 889c). Porém tampouco no mundo do divino a liberdade é plena porque o demiurgo rege-se pelas idéias eternas. Não é uma divindade livre, mas demiúrgica e orientadora.

“Introdução à história da filosofia”. Marilena Chaui.

Mundo das Idéias ou essências: Parmênides. Mundo das formas incorpóreas e imateriais, imutáveis e idênticas. Identidade, imobilidade, perenidade e unidade das formas imateriais são a marca do mundo das idéias (MI). Existe uma pluralidade de essências (as idéias). Conhecidas exclusivamente pelo pensamento: são conceitos e não meras opiniões.

Mundo sensível ou das aparências (MS): Heráclito. Mundo das coisas materiais e corpóreas, o devir. Conhecido pelas sensações (corporais). Sua marca é o devir. Mundo das aparências e da mudança. Só podemos Ter opiniões, tão mutáveis e contraditórias como seus objetos.

Esta separação entre MS e MI é a base da teoria platônica do conhecimento e da dialética como método que permite passar do sensível ao inteligível.

| | Objeto do Conhecimento | Modos do Conhecimento |
|-------------------|---------------------------------------|--|
| Mundo sensível | Imagens Coisas visíveis | Imaginação Crença e opinião |
| Mundo Inteligível | Objetos matemáticos Formas (Eídos) | Raciocínio dedutivo Ciência (episteme) ou Intuição intelectual (noesis) |

O Mito da Caverna

A idéia do Bem (correspondente ao Sol) não só ilumina todas as outras (as torna visíveis para o olho do espírito), mas é também a idéia suprema. A filosofia é o conhecimento da idéia do Bem, princípio incondicional de todas as essências. Assim como o Sol permite aos olhos ver, o Bem permite à alma conhecer.

O *Timéu* narra a origem do mundo. No início, havia o Bem e as idéias, o MI, e separada dele, a matéria caótica. O Bem cria um demiurgo, um artesão sumamente inteligente, um matemático, bom e sem mácula, que irá criar o MS para difundir e multiplicar o Bem. Para isso, contempla as idéias, as toma como modelos ou paradigmas, e as copia, imprimindo-as na matéria – receptáculo informe e desordenado. A impressão das formas puras e eternas na matéria bruta, dá origem ao Kosmos, que a imitação do MI, possui uma alma inteligente que o governa, a Alma do mundo. A relação do MS para o MI está como a de uma cópia degradada para seu modelo perfeito.

O *Timéu* introduz a “teoria dos mistos”: o mundo é um misto de duas ordens diferentes de realidade: a ordem dos seres imutáveis, que nem nascem nem morrem, invisíveis aos sentidos, só visíveis para o intelecto (idéias) e a ordem dos seres sujeitos ao devir, visíveis aos sentidos. A

relação entre as duas ordens é a imitação de um modelo (mimesis). Graças à imitação, o sensível possui ordem, é um cosmos (mundo ordenado). O sensível participa no inteligível por imitação, como cópia de um modelo.

Teoria da Alma (Psicologia)

A separação entre MS e MI:

- 1- é metafísica (há dois mundos ou realidades diferentes)
- 2- é lógica (cada mundo tem uma maneira própria de conhecimento)
- 3- reaparece na teoria da alma.

Psique tem três acepções para Platão:

- a) O princípio vital: anima um ser, dá-lhe a vida. Neste sentido, todo ser vivo tem uma psiquê.
- b) Consciência: princípio da vida mental e espiritual. Parte cognoscente. Só o homem que tem. A alma é diferente do corpo: imaterial e princípio intelectual.
- c) A pessoa individual, cujo espírito sobrevive depois da morte. A psiquê – neste sentido – é imortal. A alma “é o mais semelhante ao divino” no homem.

A origem da alma é supra-terrestre e sua vocação é o conhecimento da verdade e do bem, está orientada para o divino como seu fim (telos). A alma deseja o divino e tende para ele; é nossa parte melhor, o corpo é para ela uma prisão, ameaça com a perdição nas coisas corporais que a afastam das coisas espirituais. A alma ama as formas ou idéias.

Nossa alma é múltipla, segundo a função que realize. Cada função da alma tem uma localização corporal:

- 1- Alma apetitiva ou concupiscente: procura comida, bebida, sexo, prazeres. Tudo o necessário para a conservação do corpo e a geração de outros corpos. Irracional. “entre o diafragma e o umbigo”. Termina com o corpo (é mortal). É nossa parte passional, sempre insatisfeita.
- 2- Alma colérica ou irascível: irrita-se contra tudo quanto possa ameaçar nossa segurança ou nos cause dor. Incita a combater os perigos da vida. Faculdade combativa. “acima do diafragma, na cavidade do peito” (coração). Também é mortal, pois existe para defender o corpo. Irracional.
- 3- Alma racional: faculdade do conhecimento, parte espiritual e imortal, sede do pensamento e situada na cabeça. Faculdade ativa e superior, princípio divino em nós.

Teoria da vida virtuosa (Ética)

A tarefa ética ou moral da alma racional é dominar as outras duas faculdades e harmonizá-las com a razão.

- Domínio da alma racional sobre a concupiscente: é uma virtude, a temperança (moderação). Significa não ceder a todos os estímulos, moderar os apetites.
- Domínio da alma racional sobre a irascível: é essencial porque a racional não age diretamente sobre a concupiscente senão através da irascível. A virtude da irascível governada pela racional é a coragem ou prudência.
- A racional será mais virtuosa quanto mais forte e dominadora sobre as outras duas. Sua virtude própria é o conhecimento.

O Mito do cocheiro (Fedro)

Outrora a alma possuía asas: participava da natureza imortal do divino (belo, sábio, bom).

Quando a alma é perfeita, governa a matéria inanimada, plana livremente nos céus e dirige o cosmos. Quando perde as asas, rola até cair num sólido qualquer e aí pousa. Quando reveste a forma de um corpo terrestre, este começa a mover-se, graças à força e vida que lhe comunica a alma. A este conjunto de alma e corpo damos o nome de mortal.

Por que perdemos as asas? Porque os cavalos lutam, um puxa para cima e o outro para baixo. O cocheiro, no lugar de olhar o céu onde moram a Beleza e a Verdade, fica olhando os cavalos. A parrelha se machuca, o cocheiro tem as mãos feridas. Carros alados chocam entre si, as asas vão perdendo a força, até que o carro, pesado, cai sobre a terra.

O cocheiro é a alma racional, o cavalo que puxa para cima a irascível, o que puxa para baixo a concupiscente.

As três almas têm desejos, a diferença está no objeto do desejo:

| | | |
|--------------------|---------------------|--|
| Alma concupiscente | Coisas perecíveis | É um desejo de posse |
| Alma irascível | Fama, honra, glória | É o desejo da boa opinião dos outros |
| Alma racional | Bem e a verdade | É desejo de participação na essência do objeto amado, as idéias. |

Stephen Priest: “Teorias e Filosofias da mente”

Dualismo: Teoria de que existem 2 e somente 2 tipos de substâncias: a mente e os objetos físicos.

Mente: substância imaterial, espiritual.

Objetos físicos: substância puramente material e extensa no espaço.

Uma pessoa se compõe de ambos os tipos de substância (embora a maioria dos dualistas sustentem que a pessoa é essencialmente sua alma e só de maneira contingente, seu corpo: “é” sua alma mas “tem” um corpo).

Os principais exemplos de dualistas são Platão e Descartes.

Tipos de Dualismo:

a)segundo o que é a mente:

- 1)Consciência de si: Popper
- 2)Alma imortal: Platão; Descartes
- 3)Forma do corpo: Aristóteles; S. Tomás

b)Segundo a relação mente-corpo:

- 1)Interacionismo: os eventos mentais podem causar eventos corporais e os eventos corporais podem causar eventos mentais (Descartes, Popper)
- 2)Epifenomenismo: os ventos corporais causam os eventos mentais (a mente é um epifenômeno do corpo) (Huxley)
- 3)Paralelismo: não há relações causais entre mente e corpo (Malebranche, leibniz)

Platão – (Fedon)

DUALISMO demonstrado:

- 1-pelo argumento da reencarnação (para que alma reencarne, é necessário que seja distinta do corpo)
- 2-argumento da reminiscência (alma preexiste de maneira independente do corpo)

3-MI X MS

4-Lei de Leibniz: se duas substâncias não têm todas suas propriedades idênticas, são diferentes. Alma e corpo têm muitíssimas propriedades diferentes (imortal X mortal; inteligível X irracional, etc.).

M. Chauí: Aristóteles [é contra a doutrina das idéias de Platão] se esforçará para mostrar que o inteligível está no sensível (contra a reduplicação do mundo de Platão). Platão queria explicar por que o mundo sensível é tal como é, encontrando a resposta FORA dele. Aristóteles deseja compreender como o mundo é o que é e por que funciona como funciona, encontrando seu sentido nele mesmo.

A forma é o que há de UNIVERSAL no indivíduo sensível, de modo que é matéria quem **singulariza** o ser (“esta” casa), mas este ser é o que ele (uma casa e não outra coisa) porque a forma determina a **identidade** de uma coisa, e a forma está NA própria coisa, cabendo ao pensamento separar a forma (universal) e a coisa (singular, sua materialidade). A idéia da coisa não está num céu de ideias, mas na própria coisa, é pode ser separada – abstraída – pelo pensamento. Porque o pensamento é capaz de fazer essa abstração, pode conhecer o universal, necessário e idêntico que se encontra no próprio sensível e não fora dele.

Psicologia de Jolivet:

Como a alma é substancial – ato do corpo orgânico- o modo de união da alma ao corpo será o da matéria e a forma.

O Composto substancial.

Há dois modos de união essencialmente diferentes: a união acidental – que é a que existe entre dois seres **completos** em si e independentes o um do outro. Exemplo: as peças de uma máquina. E a união substancial: pela qual duas realidades **incompletas** constituem juntas uma substância **única embora composta**.

Realidades “incompletas” não são coisas ou seres inacabados ou mutilados, mas realidades **incompletamente substanciais**, quer dizer **primeiros princípios** cuja natureza não inclui a capacidade de subsistirem por si sós. Esses princípios são a matéria e a forma substancial.

A matéria é incompleta por essência, pois por si mesma, é pura potência, absolutamente indeterminada. Mas a alma humana, como forma, **também é incompletamente substancial**, enquanto suas potências inferiores (vegetativa e sensitiva) requerem **necessariamente** o concurso do corpo. Somente em razão de suas potências superiores, absolutamente não orgânicas (intelecto e vontade) é que tem o poder de subsistir sem o corpo, se bem que tal substância seja menos conforme a sua natureza, que implica a união com o corpo.

O problema das relações alma – corpo só pode ser entendido se admitirmos que o corpo e a alma se unem num só todo substancial. A alma é a forma imediata e única do corpo, ou seja, só por ela o homem é homem. A união se faz **sem intermediário**, pois ambos os princípios unem-se como potência pura e ato substancial, o que implica numa causalidade intrínseca que não admite agente externo algum.

Portanto, a alma não está no corpo como um piloto num navio (união acidental) mas que formando com ele um todo, a alma está toda inteira em todo o corpo e toda inteira em cada parte do corpo. O homem não é composto de dois seres: é um único ser complexo.

| | |
|---|-----------------------------------|
| Alma racional - Intelecto | |
| - Vontade | |
| - Alma sensitiva: | |
| - Sentidos externos: Olfato, visão, audição, tato e paladar | |
| - Sentidos internos: - Senso comum (consciência sensível) | |
| - Imaginativa | |
| - Memória | |
| - Cogitativa | |
| - Paixões: - Concupiscíveis: -Amor/ódio | em português, a palavra correta é |
| “concupiscente” | |
| -Desejo/aversão | fazemos a mudança? |
| -Alegria/tristeza | |
| -Prazer/dor | |
| -Gozo/ansiedade | |
| - Irascíveis: -Esperança/desespero | |
| -Audácia/temor | |
| -Cólera | |
| -Locomoção/Fala | |
| -Alma vegetativa: -Nutritiva | |
| -Aumentativa | |
| -Gerativa | |

Tabela A: Antropologia tomista. Baseado em Menescal, V., Por um modelo antropológico. *Studia Homeopathica*, Rio de Janeiro, Vol.1, No 1, 1993, p.40-52

De fato, os sentidos internos são os cinco. Na tabela no *Studia*, o Vítor nem escreveu “sentidos internos”, mas o explica no corpo do texto.

Suma Teológica questão 91 artigo III objeção 2ª: Perfeito é a quem nada falta. O corpo humano carece de maior número de coisas que os outros animais, que têm vestimentas e armas naturais para seu abrigo e defesa, que faltam ao homem. Logo, o corpo humano está disposto de modo imperfeitíssimo.

Resposta:

Que os chifres e unhas, que são as armas de certos animais, a espessura da pele, pêlos e penas que os cobrem, são uma prova da abundância do elemento terrestre que repugna ao homogêneo e delicado da complexão humana; e por isto não convinhem ao homem. Mas no lugar de tudo isto, tem a razão e as mãos, pelas quais pode procurar-se toda classe de armas, vestimentas e coisas necessárias à vida de milhares de modo, por isso é que se diz que *a mão é o útil dos úteis*. E isto era, por outra parte, mais conveniente à natureza racional com sua infinidade de concepções, Ter a faculdade de procurar-se uma infinidade de instrumentos. Suma Teológica – Vol IV – Buenos Aires: Club de Lectores, 1944 – Tradução de L. Castellani.p. 192-194

Observação pessoal: é parecidíssimo com Hahnemann, mas não idêntico, nem nas mesmas palavras, nem chegam às mesmas conclusões, nem estão discutindo – no fundo – o mesmo assunto. Você não acha um exagero dizer aquilo do “plágio” e daqui afirmar a “absoluta identidade de pensamento” e que “Hahnemann era um tomista”?

O que você acha do seguinte trecho?

“O homem precisa subordinar todos os poderes de sua alma ao pensamento ... tendo em vista uma única finalidade: a percepção de Deus, Abençoado seja, conhece-lo... ele deverá dirigir todas suas ações... para este alvo, para que nenhuma seja fútil... **O propósito da saúde de seu corpo é que a alma encontre seus instrumentos sãos e saudáveis para poder dirigi-los às ciências e para adquirir as virtudes morais e racionais, a fim de alcançar esta meta.** ... (discute se o fim são os prazeres, dinheiro) a finalidade do corpo são é adquirir sabedoria... Para que todos os instrumentos do poder da alma permaneçam perfeitos. A alma, então, será dirigida para as virtudes morais e racionais **sem qualquer obstáculo**”.

É do Maimônides!!!

E para nosso deleite, continua: “Baseado neste raciocínio, à arte da medicina é dado um papel muito significativo com respeito às virtudes morais e racionais, ao conhecimento de Deus e ao alcance da verdadeira felicidade. Procura-la e estuda-la faz parte dos serviços elevados... A medicina possibilita avaliar nossas ações e torna-las humanas, levando às virtudes e às verdades.”
